



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 03/08/2018 a 09/08/2018

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
03/08/2018	8,86	332,50	28,35	5,56	3,69
06/08/2018	8,77	330,00	28,29	5,74	3,71
07/08/2018	8,89	332,70	28,59	5,68	3,70
08/08/2018	8,93	337,10	28,45	5,70	3,71
09/08/2018	8,87	334,00	28,42	5,64	3,69
Média	8,86	333,26	28,42	5,66	3,70

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho = 25,40 quilos
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	82,50	ND
RS - Santa Rosa	82,00	ND
RS - Ijuí	82,00	ND
PR - Cascavel	83,00	ND
MT - Rondonópolis	76,50	ND
MS - Ponta Porã	79,00	ND
GO - Rio Verde (CIF)	75,00	ND
BA - Barreiras (CIF)	70,50	ND
MILHO		
Argentina (FOB)**	174,00	ND
Paraguai (FOB)**	134,00	ND
Paraguai (CIF)**	182,50	ND
RS - Erechim	43,00	ND
SC - Chapecó	41,00	ND
PR - Cascavel	36,50	ND
PR - Maringá	36,00	ND
MT - Rondonópolis	26,50	ND
MS - Dourados	33,00	ND
SP - Mogiana	40,00	ND
SP - Campinas (CIF)	43,00	ND
GO - Goiânia	30,00	ND
MG - Uberlândia	36,50	ND
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	900,00	ND
RS - Santa Rosa	900,00	ND
PR - Maringá	1050,00	ND
PR - Cascavel	1050,00	ND

08/08/2018

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 09/08/2018

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	34,94	75,94	41,07

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 09/08/2018

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	41,18
Feijão (saco 60 Kg)	134,44
Sorgo (saco 60 Kg)	26,65
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,06
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,23
Boi gordo (Kg vivo)*	4,89

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja neste início de agosto oscilaram bastante, porém, se mantiveram, para o primeiro mês cotado, abaixo dos US\$ 9,00/bushel, fechando a quinta-feira (09/08) em US\$ 8,87, contra US\$ 8,82 uma semana antes. O viés é de alta, porém, o mesmo dependerá do que sairá no relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o dia 10/08 (o mesmo será largamente comentado em nosso próximo boletim).

Na prática, três temas dominaram o mercado nesta semana: 1) o litígio comercial entre EUA e China; 2) o clima no Meio Oeste estadunidense; e 3) o relatório de oferta e demanda do USDA, a ser anunciado no dia 10/08.

Quanto ao primeiro tema, o governo chinês anuncia que adotará tarifas entre 5% a 25% sobre US\$ 60 bilhões em produtos estadunidenses, caso o governo Trump confirme o aumento de 10% para 25% de tarifas para US\$ 200 bilhões em importações procedentes da China. Por sua vez, o governo dos EUA se diz satisfeito com as medidas contra a China, pois está forçando o país asiático a negociar termos comerciais melhores.

Dito isso, o mercado nota que os chineses anunciam um recuo de até 10 milhões de toneladas nas compras de soja deste ano comercial. Embora os mesmos possuam estoques importantes, os operadores comerciais consideram que, apesar do litígio comercial, logo mais os chineses terão que comprar soja estadunidense já que os demais fornecedores (Brasil e Argentina) não têm volume suficiente para atender a demanda chinesa. De fato, os compradores chineses se mostram preocupados, já que as importações de soja em grão, por parte da China, comaram 8 milhões de toneladas em julho, diminuindo 21% sobre igual mês de 2017. No acumulado de 2018 os chineses compraram 52,9 milhões de toneladas, com recuo de 3,7% sobre igual período de 2017. Mas, é bom lembrar que os pecuaristas chineses estão procurando fontes alternativas à soja para este ano, podendo não precisar tanto da oleaginosa.

Pelo lado das exportações dos EUA, o recuo das compras chinesas já estaria precificado em Chicago. Além disso, as exportações estadunidenses deverão alcançar a 56,7 milhões de toneladas no final do atual ano comercial, em 31 de agosto próximo. Este volume é até melhor do que os 55,5 milhões inicialmente esperados, após a saída da China do mercado comprador norte-americano. Mas dado o curto espaço de tempo para o encerramento do ano comercial, muitos operadores consideram que, talvez, o volume total exportado no ano não alcance o volume atualmente estimado.

Quanto ao clima nos EUA, o mesmo continua regular, porém, alguns analistas norte-americanos informam que o padrão climático ocorrido naquele país entre 1º de maio e 30 de julho deste ano trouxe chuvas bem abaixo da média normal existente para o período 1980-2010. Isso pode ter prejudicado a produtividade média da atual safra e, com isso, o volume final a ser colhido. Veio corroborar esta possibilidade o anúncio, no dia 06/08, de que as condições das lavouras de soja estadunidenses pioraram neste início de agosto, ficando com 67% entre boas a excelentes, 23% regulares e 10% entre ruins a muito ruins.

Assim, o terceiro tema ganhou importância ainda maior no final da semana. O mercado passou a olhar o relatório do USDA com maior atenção ainda, já que o mesmo poderá

reduzir as estimativas de produção final, além dos estoques finais nos EUA. Neste sentido, o mercado espera que o relatório de oferta e demanda indique, para o ano comercial 2018/19, uma safra de 120,5 milhões de toneladas de soja nos EUA, contra 117,3 milhões no relatório de julho. Para os estoques finais, o volume seria de 17,4 milhões de toneladas, contra 15,7 milhões em julho. Para o ano 2017/18, que está se encerrando, o mercado espera uma pequena elevação nos estoques, com os mesmos chegando a 12,6 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais diminuiriam para 95,8 milhões de toneladas. Já para 2018/19, que se iniciará em 1º de outubro, os estoques finais mundiais se elevariam para 99,3 milhões de toneladas, contra 98,3 milhões apontados em julho. Por tanto, uma expectativa baixista para Chicago, contrariando alguns sentimentos de alta motivados pelo clima.

De fato, vale destacar que, segundo a AgResources, são poucos os locais com problemas climáticos nos EUA e a possibilidade de uma nova safra recorde de soja naquele país é real.

Aqui no Brasil, o câmbio permaneceu oscilando entre R\$ 3,70 e R\$ 3,77 durante a semana. Com isso, os preços internos ficaram relativamente estáveis, com leve viés de alta. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 75,94/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 82,00 e R\$ 82,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 69,50/saco em Sorriso (MT) e R\$ 84,00/saco em Abelardo Luz (SC), passando por R\$ 83,50 no centro e norte do Paraná; R\$ 74,50 em São Gabriel (MS); R\$ 73,00 em Goiatuba (GO); R\$ 69,00 em Pedro Afonso (TO) e R\$ 71,00/saco em Uruçuí (PI).

Neste contexto, a comercialização da safra passada, no Brasil, chegava a 84% do total no dia 03/08, contra 71,3% um mês antes e 82% na média histórica. O Rio Grande do Sul vendeu 74%, contra 68% na média; o Paraná 80%, contra 75% na média; e o Mato Grosso havia comercializado 90% da safra, ficando exatamente dentro da média histórica. Já quanto a safra futura, as vendas antecipadas no Brasil, na mesma data, chegavam a 18% do total esperado, contra 20% na média histórica e apenas 8% em igual período do ano passado. O Rio Grande do Sul já teria vendido antecipadamente 9% de sua futura safra, contra 12% na média histórica; o Paraná 17%, contra 14% na média histórica; e o Mato Grosso 22%, contra 27% na média histórica. Neste início de agosto, as vendas antecipadas abaixo de suas respectivas médias históricas se encontravam nos Estados do Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Goiás, São Paulo, Santa Catarina e o conjunto formado pelo Maranhão, Piauí, Tocantins e outros Estados menores produtores.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago ficaram estáveis na semana, com leve elevação em relação a semana anterior. O bushel para o primeiro mês cotado registrou US\$ 3,69, no fechamento da quinta-feira (09/08), véspera do anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA, contra US\$ 3,66 uma semana antes.

Mesmo com a guerra comercial entre China e EUA atrapalhando um pouco o mercado do milho, o problema central neste momento é o clima e o relatório de oferta e demanda a ser anunciado no dia 10/08.

Em termos de clima norte-americano, para o milho o momento mais sensível teria passado e já não haveria tantos problemas sobre as lavouras do cereal caso venha a ocorrer falta de chuvas. Dito isso, o clima é regular, não havendo grandes problemas climáticos em geral nos EUA neste verão, apesar de algumas especulações em torno do tema. Todavia, a forte seca e calor na Europa, atingindo países como Ucrânia e Rússia, está provando quebras importantes no milho e trigo locais. Neste sentido, o trigo poderá, logo mais, romper o teto dos US\$ 6,00/bushel, puxando consigo o milho.

Já as exportações semanais dos EUA, em milho, se mantêm em bom ritmo, atingindo a 986.100 toneladas na semana anterior, e 1,2 milhão de toneladas na semana que passou. Pelo lado das expectativas de produção, o mercado espera uma produtividade média entre 10.987 e 11.176 quilos/hectare (183 a 186 sacos/ha), em nítido aumento sobre as projeções anteriores. Para a soja, o mercado indica 3.463 quilos/hectare, ou seja, 57,7 sacos/ha de média nacional. O relatório deste dia 10/08 apontará as projeções oficiais de produtividade, assim como o volume final da produção e os estoques finais, tanto dos EUA quanto do mundo (comentaremos largamente o referido relatório em nosso próximo boletim).

Por sua vez, até o dia 05/08, as condições das lavouras estadunidenses de milho atingiam a 71% entre boas a excelentes, com perda de um ponto percentual em relação à semana anterior.

Neste contexto, a realidade norte-americana é baixista para as cotações do milho. Entretanto, os graves problemas climáticos na Europa estão provocando altas importantes de preços na região, tanto para o trigo quanto para o milho, fato que sustenta Chicago. Neste sentido, a Europa projetava importar 16 milhões de toneladas de milho para 2018/19, e já está recalculando este volume para algo entre 19 e 20 milhões de toneladas.

Enfim, o mercado esperava que o relatório de oferta e demanda do USDA indicasse uma produção estadunidense de milho, para 2018/19, em 366,3 milhões de toneladas, com estoques finais chegando a 41,4 milhões de toneladas.

Na Argentina, a tonelada FOB fechou a semana em US\$ 174,00, enquanto no Paraguai a mesma ficou em US\$ 134,00.

Já no Brasil, o mercado se manteve firme, com o saco de milho no balcão gaúcho fechando a semana na média de R\$ 34,94. Já os lotes oscilaram entre R\$ 42,00 e R\$ 43,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre um mínimo de R\$ 21,50/saco em Campo Novo do Parecis (MT) e um máximo de R\$ 41,50/saco em Videira e Chapecó (SC).

Tomando-se o mercado paulista como referência, os operadores consideram que a ausência dos produtores pelo lado da venda do cereal não deixa os preços do milho baixarem. E a estratégia destes produtores parece não mudar tão cedo. A crise de oferta na Europa tende a elevar a demanda pelo milho brasileiro neste restante de ano, e mesmo no primeiro semestre de 2019, auxiliando no empuxe às exportações nacionais do cereal.

Neste contexto, os consumidores do Sudeste brasileiro, em particular, continuam encontrando dificuldades para se abastecerem de milho. Assim, o referencial Campinas chegou a R\$ 44,00/saco CIF. Por sua vez, no mercado livre de balcão, a ideia é de que os preços alcancem os R\$ 40,00/saco para venda em São Paulo (cf. Safras & Mercado).

O quadro ganha apoio na expectativa de um plantio de verão sem aumento de área devido aos preços interessantes da soja.

Assim, a semana chegou ao fim com os produtores em geral segurando o produto disponível, enquanto os consumidores encontram dificuldades de abastecimento em muitas regiões, e os preços no porto melhorando, o que estimula a exportação. Neste último caso, as tradings registraram atuação mais forte nesta semana no Mato Grosso e em Goiás.

Vale ainda destacar que a comercialização da safrinha, no Centro-Sul brasileiro, chegou a 50,5% no início de agosto, contra 40,6% comercializado no mesmo período do ano passado. Já a colheita da mesma, até o dia 03/08, atingia a 67% da área esperada, contra 64% no ano passado nesta época (cf. Safras & Mercado).

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo continuam disparando em Chicago e se aproximam do teto dos US\$ 6,00/bushel. O fechamento desta quinta-feira (09/08) ficou em US\$ 5,64/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US\$ 5,60 uma semana antes e US\$ 5,74 no dia 06/08. O atual nível de preços em Chicago não era visto nesta Bolsa desde meados de julho de 2015, ou seja, há mais de três anos.

Tal movimento altista se dá em função de graves problemas nas safras da Europa, incluindo Ucrânia e Rússia, assim como na Austrália e parte dos EUA. Com isso, o mercado trabalhou na expectativa do relatório de oferta e demanda do USDA, a ser anunciado no dia 10/08, o qual, em sua sessão mundial, deverá trazer novos números sobre produção e estoques finais globais, já incorporando os efeitos das perdas em geral.

Paralelamente, as vendas líquidas estadunidenses de trigo chegaram a 382.500 toneladas na semana encerrada em 26/07, ficando 21% acima da média das quatro semanas anteriores.

No Mercosul, a tonelada FOB para exportação oscilou entre US\$ 235,00 e US\$ 255,00 na compra, enquanto o produto da safra nova subiu para US\$ 225,00/tonelada na compra.

Já no Brasil, os preços se mantiveram estáveis, porém, elevados, com o balcão gaúcho fechando a semana na média de R\$ 41,07/saco, enquanto os lotes permaneceram em R\$ 54,00/saco. No Paraná, o balcão trabalhou com valores entre R\$ 49,00 e R\$ 50,00/saco, enquanto os lotes se mantiveram entre R\$ 60,00 e R\$ 63,00/saco. Por sua vez, em Santa Catarina o balcão registrou valores entre R\$ 42,00 e R\$ 45,00/saco, enquanto os lotes, na região de Campos Novos, se mantiveram em R\$ 57,00/saco.

A produção brasileira de trigo está ainda prevista em 6,3 milhões de toneladas para este ano, contra 4,3 milhões no frustrado ano passado. Todavia, é importante destacar que há problemas climáticos em algumas regiões do Paraná (falta de chuvas) e no Rio Grande do Sul (excesso de umidade e falta de sol). As importações de trigo pelo Brasil, em 2018/19, estão projetadas em 6,45 milhões de toneladas (cf. Safras & Mercado).

De fato, no que diz respeito ao clima, o mês de julho não foi bom, especialmente no Rio Grande do Sul. Segundo a Emater gaúcha, houve muita chuva e baixas temperaturas, fato que prejudicou as lavouras. No Paraná também há registros de perda de produtividade no norte do Estado.

Por outro lado, outra massa polar entrou no Rio Grande do Sul nesta quinta-feira (09), trazendo possibilidades de fortes geadas e até mesmo neve em algumas regiões, podendo atingir igualmente Santa Catarina e o Paraná. Em isso ocorrendo certamente haverá quebras importantes em algumas lavouras, fato que pode indicar uma reversão no quadro nacional de oferta do produto. Ou seja, podemos estar na iminência de uma nova frustração de safra de trigo, o que seria condição para a manutenção dos preços elevados.

Dito isso, por enquanto não há estatísticas suficientes que comprovem a quebra de safra, embora a qualidade possa ficar comprometida em muitas regiões. Assim, no momento, o mercado espera que os preços recuem fortemente quando começar a colheita, a partir de setembro no Paraná. A tonelada de trigo superior está sendo indicada em apenas R\$ 780,00 a R\$ 800,00 para aquele Estado quando da colheita, o que equivale a valores entre R\$ 46,80 e R\$ 48,00/saco, contra mais de R\$ 60,00 atualmente nos lotes locais. Haverá igualmente pressão do trigo procedente do Paraguai, onde se espera maior produção do cereal neste ano.

Portanto, a partir de agora, a questão climática no Brasil passa a ser fundamental para dar direcionamento ao mercado do trigo nacional nos próximos meses.